



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

A MENINA DE ITAIARA¹²

Lázaro Moraes.

Com espírito altivo, sorriso sempre presente nos lábios e muitas histórias pra contar, a escritora paraense Lindanor Celina chega de Paris, onde mora há 16 anos, trazendo na bagagem seu novo livro, “Diário da Ilha”, que provavelmente será lançado pela Cultural Cejup, editora muito elogiada pela escritora. O livro, com prefácio de Adelino Brandão, é uma coletânea de crônicas sobre a Grécia, particularmente sobre a ilha de Skyros, onde ela, sempre aproveita para descansar. A visita a Belém, também, tem esse propósito, apesar de Lindanor admitir que, “o mais importante é curtir as pessoas, mesmo quando se descobre isso tarde demais. A gente, às vezes, que descobrir o mundo, visitar países, enfim, quando o mais importante está do nosso lado: o ser humano”.

No final dos anos 30, jovem adolescente, cheia de vigor e sonhos, Lindanor publicou seus primeiros versos no jornal “O Lírio”, do colégio Santo Antônio, onde estudava. No entanto, o jornal transpunha os muros do colégio e já fazia parte do meio intelectual da época, apesar da circulação limitada. Um dia, conta a escritora, “professora Helena Souza, uma das intelectuais da época, leu os meus versos e disse: ‘essa menina tem talento’”. E não deu outra, anos mais tarde, mais precisamente em 1954, Lindanor Celina começava a escrever crônicas para o jornal ‘A Folha do Norte’, do qual foi colunista por muitos anos até a extinção do órgão, passando em seguida, para a ‘Província do Pará’.

Dotada de uma notável sensibilidade, e uma intimidade profunda com as letras, Lindanor foi laureada diversas vezes, seja pelas crônicas ou romances que escreveu. Desde cedo, Lindanor Celina enveredou pelos caminhos do sucesso. Com o livro

¹, O Liberal, Caderno Dois, 13 de julho de 1990

² Foi mantida a escrita original do jornal amarelado, do arquivo pessoal de Paulo Nunes, exceto pela referência da editora do livro “Pranto por Dalcídio Jurandir”, que, no original, afirma ser Secretaria Municipal de Cultura, na verdade, tratou-se da Secretaria Estadual de Cultura, a verdadeira editora do “Pranto...”

“Contracantos”, ela dividiu o primeiro lugar com Claudio Barradas e Luis Farias, em concurso promovido pela Academia Paraense de Letras. Mas o primeiro romance, “Menina que vem de Itaiara”, só surgiria em 1963. A menina, dizia, “era eu própria e outros diabos”. O sucesso do livro foi tanto que ele foi escolhido o “livro do semestre”, pela Suplemento Literário do Estado de S. Paulo, considerado, na época, o maior jornal do Brasil, passando a ocupar diariamente as páginas do “Estadão” e também de jornais estrangeiros.

Em 1968, Lindanor lançou o seu segundo romance, “Estradas do Tempo-foi”, laureado com os prêmios Wallace Mac Dowell, o maior da categoria romance, promovido pela Academia Paraense de Letras; e o Wallmap, na época o maior prêmio do romance brasileiro. O sucesso de “Estradas do Tempo-foi”, chegou também à Europa, sendo editado em Portugal. O próximo romance de Lindanor seria “Breve Sempre” (1973), que recebeu a primeira menção honrosa no Wallmap. Em Belém, Lindanor Celina lançou ainda “Pranto por Dalcídio Jurandir” (1983), editado pela Secretaria De Cultura Desportos e Turismo do Pará, na gestão de Olavo Lyra Maia. Já no Rio de Janeiro foi a vez do célebre “Afonso Contínuo, Santo de Altar” (1986), pela editora Nova Fronteira, que deverá ser editado em Portugal, pela “Livros do Brasil”, assim como “Breve Sempre”.

O sucesso da escritora paraense é notável. Atualmente ela é titular da cadeira de Literatura Portuguesa e Brasileira, na Universidade de Lille III, na França, e também coordenadora dos cursos de Português. O livro de crônicas “A Viajante e seus Espantos” (1988), de autoria da paraense, foi adotado como livro texto da Universidade de Paris X. Outro fato interessante é que outros textos editados pela Cultural Cejup foram traduzidos para o francês e para o italiano. “Essa é a primeira vez que eu vejo um texto editado no Pará, por uma editora tipicamente regional, ser transcritos em revistas internacionais na Europa. O que comprova que a Cejup já se tornou uma editora de âmbito nacional, graças ao bom trabalho que vem desenvolvendo em prol da cultura local”, afirmou.

Além de toda sua vasta obra, Lindanor Celina está trabalhando em cima de uma série de livros que deverão ser lançados oportunamente, como “Para além dos Anjos”, “Eram Seis Assinalados”, que completa a trilogia “Menina-Estradas-Assinalados”, “Memórias de uma Estudante Aposentada”, e “Meu Amador Cativo”. Apesar de se esforçar para escrever memórias ou relatos, Lindanor admite que não consegue viver sem “mentir”. “Essa é a minha profissão, não consigo contar uma verdade sem inventar”. A esse respeito, Fábio Lucas, considerado um dos maiores críticos literários de todos os tempos, disse: “O talento de Lindanor Celina como ficcionista é indiscutível”.

E realmente, seu talento é tão inegável que quando precisou colocar títulos em cerca de cem crônicas para seu novo livro, “Diário da Ilha”, Lindanor, na verdade criou uma nova obra com uma coleção de títulos invejáveis, que a própria autora pensou em mudar o nome dos livros. As opções seriam as melhores possíveis: “Roupa Branca ao Sol da Infância”, “Banho com chuva, Cama e Cobertor”, “Janela Verde, Uvas Douradas”, “A Casa Morta, Os Sonhos Vivos”, enfim. Tanta qualidade certamente não poderia estar tão longe de grandes gênios. Lindanor foi amiga do filósofo francês Jean-

Paul Sartre e de sua companheira, a escritora Simone Beauvoir, quando ainda era jovem jornalista, na França. E foi aluna do professor Benedito Nunes e de Francisco Paulo Mendes, na Universidade Federal do Pará, onde se formou em Letras, antes de seguir para o doutorado na Universidade de Sorbonne. Mas um dos fatos mais importantes de sua vida foi ter sido convidada pelo próprio Benedito Nunes para substituí-lo na cadeira de Estética, na Escola de Teatro. Esse fato, disse, “foi uma das dez maravilhas da minha vida”.

Nas horas de folga, Lindanor brinca com tinta e pincel, mas não considera o que faz digno de ser chamado de arte. Por isso, como diz num dos títulos de suas crônicas, “Sou a pintora de uma hora só”. O que eu gostaria, na verdade, comenta, “era de escrever uma crônica sobre Belém. Gostaria de ver o sol amanhecer no Ver-o-Peso, mas estou indo longe. Acho que teria que dormir por lá”. Em meio a tantas histórias, tantos prêmios, tantas lembranças, Lindanor Celina continua sua caminhada sem se preocupar com o tempo, valorizando acima de tudo o ser humano. Por isso quando perguntei a sua idade, ela disse: “Nasci neste século e basta”. Há dias que tenho cem anos, mas agora, conversando com você, vendo este céu azul, essas papoulas verdes, me sinto com 20 anos, e sairia fácil para uma farra!”

Ao longo de toda a sua vida, o que mais marcou foi, sem dúvida, a presença do ser humano, a toda hora em todo lugar. Lindanor fala grego da mesma maneira que se expressa em português. Fala francês, espanhol, italiano, e um pouco de russo. Mas seja em que língua por, o mais importante para ela é que o ser humano está presente no mundo, lado a lado. É isso que marca o seu trabalho. E isso faz lembrar Heidegger, o filósofo alemão, quando fala do seu “da sein”. O nosso ser tem direcionamento, é voltado um para o outro, num determinado lugar, num espaço definido. É estar aí, seja onde for, ou de que maneira, Lindanor Celina é mais uma dentre tantos que buscaram, nos quatro cantos do mundo o que estava ao seu lado, mesmo que fosse em suas “mentiras”.

Com eternos 20 anos, a escritora segue inexoravelmente uma trilha que deserta ou não, todos havemos de percorrer, como ela o faz em “A Viajante e seus Espantos”, até chegar “Para Além dos Anjos”. Um dia qualquer, sem nunca ter imaginado, ela foi Cinderela. “Eu nunca imaginei que iria morar na França. Lembro-me que o professor Antonio Munhoz Lopes, em Macapá, sempre dizia que nós somos filhos mimados do Pai. Quando eu cheguei à França me senti, verdadeiramente, como uma filha mimada”. A Aliança Francesa de Marselle fechou para me receber, e eu fui direto para a Sorbonne”. Hoje, em Belém, Lindanor caça os amigos por telefone, por vezes apreensiva, sem saber se eles já se foram. O tempo tudo consome, mas mesmo assim ela tenta, porque ela é a menina que veio de Itaiara, e esta, independente de tempo, sempre estará entre nós.

(O Liberal, 13/07/1990, capa do Caderno Dois, matéria assinada por Lázaro C. Moraes, ilustrada com três belas fotos de Antônio Silva, em preto e branco).

